

ANOTAÇÕES

PRÓXIMO DOMINGO É DIA DE CINEMA - DIA 14 DE JUNHO -
Aniversário De Che Guevara - Palestrante Convidada:

ALEIDA GUEVARA

Maiores Informações: leondi@uninet.com.br

Patrocínio:  **PETROBRAS**  **ODEON**   **SEBRAE**  **GOVERNO FEDERAL** 

DOMINGO É DIA DE CINEMA

O QUE VOCÊ FARIA?

Uma película de **MARCELO PIÑEYRO**



 **EM** Siete candidatos. Un puesto de trabajo. Sólo uno de ellos lo conseguirá.
Hasta donde estarías dispuesto a llegar para ser el elegido

MATERIAL DE APOIO

APRESENTAÇÃO

Domingo é dia de cinema é uma atividade cultural de complementação curricular que exhibe filmes, seguidos de debates, a alunos dos cursos Pré - vestibulares Comunitários que se localizam em áreas de concentração de baixa renda da periferia do Rio de Janeiro. A exibição é no centro do Rio de Janeiro, no Odeon Petrobras, e auxilia na educação, socialização e resgate da auto-estima e valorização da cidadania.

O projeto **DOMINGO É DIA DE CINEMA** visa contribuir efetivamente para a construção de uma sociedade mais justa, participativa e democrática. Os filmes e os debatedores são escolhidos por uma comissão de participantes da atividade e se inserem no programa escolar propriamente dito.

Esta atividade se desenvolve desde 2000, sendo uma parceria entre o Estação, um grupo de Pré-vestibulares Comunitários e o Núcleo Piratininga de Comunicação, desde ano de 2008 contamos com o patrocínio, para o material didático, da Petrobras. Bom filme e bom debate para todos e todas.

Filme: O QUE VOCÊ FARIA? (El Método)

Até onde você iria para garantir o seu emprego?

Eles chegam para o teste de seleção na mesma manhã que Madri está sendo convulsionada por marchas de protesto contra a globalização e a política monetária do FMI, que ali realiza sua reunião.

Logo são informados de que serão submetidos a uma seleção diferente da habitual - o chamado Método Grönholm. O grupo é deixado a sós numa sala fechada e, a partir de uma série de testes propostos pela empresa via computador, começam a interagir.

De cara têm que descobrir quem é o agente da empresa infiltrado entre eles - já que o único funcionário que viram até então foi a secretária Montse (Natalia Verbeke) que os recebeu e os acompanha para fora da disputa com o mesmo imutável sorriso.

São sete personalidades bem diferentes, mas, da jovem segura de si ao senhor machista, no começo todos acreditam ter o controle total sobre seu comportamento e suas emoções. Porém os jogos os colocam diante de várias situações-limite e, sabendo que estão sendo constantemente observados e avaliados, chegam a um nível de tensão insuportável.

O resultado são embates brilhantes - alguns dolorosos, outros bem cômicos. Afinal, ninguém quer ser um dos seis a perder a disputa.

(drama/ 115 min / 2005 / Espanha, Argentina, Itália)

Baseado na peça de Jordi Galceran, "O Método Grönholm"

APENAS UM EXEMPLO DE UMA BOA REDAÇÃO

Atenção: Leia atentamente as instruções na página 3 do caderno de questões antes de preencher essa folha.

Metamorfoses da arte de trabalhar

O trabalho humano, atividade através da qual agimos sobre a natureza, transformando-a para atender a nossas necessidades individuais e coletivas, não possui uma essência imutável e não cessa de se transformar através dos séculos. O sistema escravista vigente na Antiguidade greco-romana é substituído pelas relações servis no feudalismo, que cede espaço ao trabalho assalariado na época capitalista... as relações de trabalho estão em permanente mutação.

No mundo contemporâneo, as mudanças se aceleraram devido à mecanização e robotização do processo produtivo. A substituição da mão-de-obra humana por robôs, por um lado, promete as benesses de um futuro menor sobrecarregado de trabalho para os humanos, que teriam mais tempo livre para realizar a atividade de sua escolha. Por outro lado, o mesmo processo transforma a vida de milhões infringindo-lhes a desgraça do desemprego. Os Estados ao redor do mundo debatem-se tentando encontrar uma solução para o impasse: como conciliar a necessidade de oferecer emprego à população e o desejo de aumentar a produtividade através da ~~maquinização~~ ^{maquinização}?

Já o trabalho artístico possui peculiaridades que o distinguem das outras ocupações. O artista genuíno, mesmo que possua uma motivação financeira para criar, privilegia mais a obra desenvolvida do que o lucro que pode obter através dela. Seu trabalho não responde somente a uma necessidade de subsistência, mas sim a um desejo de produzir algo que lhe gratifique espiritualmente. No clássico filme de Joseph Mankiewicz, baseado na obra de Tennessee Williams, "De Repente, No Último Verão", a personagem que representa a mãe do poeta sintetiza: "O trabalho do artista é sua vida; a vida do artista é seu trabalho".

O mister artístico, portanto, contém certas características que podem ser consideradas ideais para qualquer trabalhador: envolve criatividade, paixão, prazer e realização pessoal. Muito diverso é o ofício de grande parte da humanidade, obrigado ao ritmo monótono, mecânico e desumano nas linhas de produção...

Desejemos, pois, que o trabalho de todos possa se transformar numa arte feita com gosto e gratificação, ao invés de um aborrecido esforço feito mais por necessidade do que por amor.

FUVEST 2006 - REDAÇÃO

Os três textos abaixo apresentam diferentes visões de trabalho. O primeiro procura conceituar essa atividade e prever seu futuro. O segundo trata de suas condições no mundo contemporâneo e o último, ilustrado pela famosa escultura de Michelangelo, refere-se ao trabalho de artista. Relacione esses três textos e com base nas idéias neles contidas, além de outras que julgue relevantes, redija uma **DISSERTAÇÃO EM PROSA**, argumentando sobre o que leu acima e também sobre os outros pontos que você tenha considerado pertinentes.

TEXTO 1

O trabalho não é uma essência atemporal do homem. Ele é uma invenção histórica e, como tal, pode ser transformado e mesmo desaparecer.

(Adaptado de A. Simões)

TEXTO 2

Há algumas décadas, pensava-se que o progresso técnico e o aumento da capacidade de produção permitiriam que o trabalho ficasse razoavelmente fora de moda e a humanidade tivesse mais tempo para si mesma. Na verdade, o que se passa hoje é que uma parte da humanidade está se matando de tanto trabalhar, enquanto a outra parte está morrendo por falta de emprego.

(M.A. Marques)

TEXTO 3

O trabalho de arte é um processo. Resulta de uma vida. Em 1501, Michelangelo retorna de viagem a Florença e concentra seu trabalho artístico em um grande bloco de mármore abandonado. Quatro anos mais tarde fica pronta a escultura "David".

(Adaptado de site da Internet)

GABARITO

6 [D] 7. [C] 8. [B] 9. [B] 10 [C] 11 [A] 12 [C] 13. [A] 14 [B]

15 - Os países periféricos e semiperiféricos no processo atual de comércio internacional participam marginalmente com exportações primárias e importações de produtos industrializados ou bens e serviços, implicando em déficits de balança comercial que encontram dificuldades de solvência em suas contas externas.

16 - a) A globalização ampliou a escala, a velocidade e a amplitude de circulação dos capitais financeiros que buscam valorizar-se em qualquer parte do mundo. De outro lado, o valor dos fixos está mais restrito às condições de sua localização.

b) Entre os efeitos da crise financeira sobre os fixos no território destacam-se: a depreciação do valor dos imóveis; a dificuldade de utilizar os fixos como garantia de novos empréstimos e de novos investimentos; a redução progressiva do grau de utilização de fixos, como fábricas, vias de circulação e infraestrutura de modo geral.

"Os donos do capital vão estimular a classe trabalhadora a comprar bens caros, casas e tecnologia, fazendo-os dever cada vez mais, até que se torne insuportável. O débito não pago levará os bancos à falência, que terão que ser nacionalizados pelo Estado".

Karl Marx, in Das Kapital, 1867

Debatedores:

Guilherme Marques Soninho

Historiador e colaborador do NPC

Marildo Menegatti

Professor da UFRJ

Marcelo Machado

Militante do Movimento dos Trabalhadores Desempregados

Debate:

O TRABALHO ENOBRECE O HOMEM?

"Nosso dia vai chegar, teremos nossa vez, não é pedir demais, quero justiça: quero trabalhar em paz, não é muito o que lhe peço, eu quero trabalho honesto, em vez de escravidão. Deve haver algum lugar, onde o mais forte não consegue escravizar quem não tem chance"

Legião Urbana

TEXTO 1 - PRIMEIROS DE MAIO DE ONTEM, LIÇÕES PARA HOJE

Por *Vito Giannotti e Reginaldo Moraes* (*)

De alguns anos para cá, no 1º de Maio, temos assistido a espetáculos deprimentes. Milhões de pessoas tratadas como pedintes, correndo atrás de prêmios, distribuídos dizendo que é por causa do 1º de Maio. Na verdade o objetivo é juntar uma multidão e mandá-la levantar a mão a uma ou duas perguntas centrais.

Fazer com que, essa multidão, que não tem noção do que está sendo posto em votação, levante seus braços e aprove coisas como a retirada dos direitos, ou nos anos passados, a introdução do contrato coletivo, sem direitos trabalhistas. Essa prática é a negação de toda a tradição internacional da luta dos trabalhadores. Com ela, a Central sindical dos patrões, a chamada Força Sindical, presta um grande serviço aos seus donos. Esta Central nasceu para servir aos interesses desta classe e está cumprindo perfeitamente seu papel.

Mas, quais as lições que tiramos do nosso passado, sobre o 1º de Maio? Qual foi a tradição durante todo o século XX, da nossa classe trabalhadora? Como o Brasil se inseriu na história das lutas do mundo do trabalho? Para resgatar esta memória vamos dar uma rápida olhada em quatro momentos da nossa história:

- O começo da industrialização com seus primeiros "Dia dos Trabalhadores". O 1º de Maio de 1906 e 1907;
- A tentativa de Getúlio Vargas de roubar aos trabalhadores o sentido do 1º de Maio. Anos 1940-1945;
- O desejo da Ditadura militar de enganar os trabalhadores. O 1º de Maio de 1968, em São Paulo;
- A gestação da CUT no 1º de Maio de São Bernardo. Estádio de Vila Euclides: 1º de Maio de 1980.

Estes exemplos podem nos levar a várias reflexões, neste imediato pós- maio de 2002. Que a Farça Sindical esteja fazendo seus bingos, isto já é favas contadas. Mas sem dúvida, na área combativa as coisas não andam tão bem assim. A capacidade de mobilização da única Central que quer combater governo e patrões, a CUT, está pequena. Olhar para nosso passado recente e dele tirar as lições é um dos melhores remédios.

1ª parte — 1906-1907: o começo da industrialização

No 1º de Maio, a luta pelas 8 horas

Vito Giannotti

Desde 1890 a classe operária, no mundo fazia do 1º de maio o dia internacional a luta dos trabalhadores. No Brasil, pequenos grupos de operários socialistas, já naquele ano, começaram a falar desta data e da luta pela redução da jornada de trabalho.

A partir de 1985, em Santos, se realizaram reuniões e pequenas manifestações sobre esta data.

Dez anos depois, no começo de 1906, no Rio, a Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ), convida sindicatos e organizações operárias do país para uma reunião nacional. Em 15 de abril, no Rio, capital federal e maior cidade da América Latina, com meio milhão de habitantes, iniciou-se o Iº Congresso operário Brasileiro. Uns cinqüentas

14 - (Fgv 2009) Crescimento percentual do PIB no 2º trimestre de 2008 (%)

Estados Unidos	2,2
Japão	0,5
China	9,3
Alemanha	1,4
França	1,2
Reino Unido	1,4
Rússia	6,8
Brasil	4,8
Índia	7,9

(www.uol.com.br)

Se fosse dado um outro título que interpretasse a tabela, esse título poderia ser:

- a) Economia-mundo se ressentida da crise.
- b) Emergentes impulsionam a economia mundial.
- c) Países desenvolvidos permanecem na liderança.
- d) A zona do Euro puxa crescimento mundial.
- e) A força dos países agrícolas no crescimento da economia mundial.

15 - (Udesc 2009) A atual crise econômica mundial, agravada em 2008 pelas dificuldades no sistema financeiro de alguns países, traz à discussão as mazelas do processo de globalização econômica.

Comente o comércio internacional e os desdobramentos dessas relações para os países periféricos e semiperiféricos do capitalismo.

16 - (Ufrj 2009) " A Geografia pode ser construída a partir da consideração do espaço como um conjunto de fixos e fluxos [...] A interação entre fixos e fluxos modifica o significado e o valor de ambos. "

Santos, Milton (1996) - "A natureza do espaço".

A atual crise no sistema financeiro global iniciou-se no mercado imobiliário norte-americano, inflado por operações com títulos hipotecários. A hipoteca é uma das formas de transformar um fixo (bem imóvel) em fluxo (aplicação financeira). No espaço geográfico isso significa transformar bens fixos do território em fluxos voláteis de capital.

a) Explique por que a transformação de um fixo em fluxo permite maior e mais rápida circulação do capital entre os lugares.

b) Apresente um efeito da crise financeira sobre os fixos no território.

O texto faz referência a características de um dos mais importantes aspectos do atual estágio do capitalismo.

Dois fatores que contribuem para o fenômeno destacado pelo autor do fragmento estão apontados em:

- a) aumento da especulação financeira - maior eficiência das redes de transportes
- b) controle do Banco Mundial sobre o sistema financeiro - formação da União Monetária Mundial
- c) desregulamentação dos mercados financeiros - disseminação das tecnologias da informação
- d) padronização dos horários de funcionamento dos centros financeiros - surgimento dos bancos globais

13- (Uerj 2009)



Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. Há uma busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal.

MILTON SANTOS. "Por uma outra globalização". Rio de Janeiro: Record, 2000.

Com base nos quadrinhos e no fragmento de texto, dois elementos contraditórios do processo de globalização capitalista estão identificados em:

- a) integração econômica e polarização social
- b) liberalização do mercado e ampliação da participação política
- c) acesso ao consumo e redução relativa das distâncias espaciais
- d) formação de blocos econômicos e diminuição da renda média

operários se reuniram para organizar suas lutas. Decidem criar uma confederação Nacional, a COB, e seu jornal quinzenal, a Voz do trabalhador. Por decisão unânime, a luta central da recém criada COB, deveria ser a conquista das 8 horas.

Para isto a data comum da Luta estava marcada: 1º de Maio do ano seguinte. Um dia que fosse "um protesto de oprimidos e explorados". E o Congresso decide "investigar as organizações (...) para que o operariado do Brasil no dia 1º de Maio de 1907 imponha as 8 horas de trabalho".

Durante aquele ano de 1906, aconteceram várias greves pelas 8 horas. Quase todos os setores da construção civil do rio pararam e conquistaram, pelo menos, momentaneamente, as 8 horas. Os ferroviários de Jundiaí, a 50 km de São Paulo, fizeram uma greve que terminou com vários mortos e feridos e a promessa das 8 horas em 1º de Maio de 1907. Em Porto Alegre, em setembro, há uma greve de várias categorias e conseguem 9 horas de trabalho em todas as fabricas.

Em São Paulo, cidade com quase trezentos mil habitantes, a polícia ocupa a Praça da Sé e ruas próximas para impedir a manifestação do 1º de Maio. A manifestação não acontece, mas dias depois param as fabricas da capital e de varias cidades do interior. Prisões e espancamentos de grevistas, como de costume. Muitos estrangeiros serão expulsos do país como "agitadores".

Vários setores da construção civil, após quase um mês de greve conseguem as 8 horas. Claro que foi só no papel para acabar a greve. O governo, logo em seguida faz aprovar uma lei que reconhecia o direito da existência dos sindicatos e associações cooperativas.

A luta pelas 8 horas continuará em todos os 1º de Maio seguintes.

2ª Parte — 1940-1945: A disputa pelo rádio e nos estádios Vargas tenta seqüestrar o 1º de Maio

Vito Giannotti

Em 1º de Maio de 1940, Getulio, no estádio de São Januário, no Rio, decreta o salário mínimo. A reivindicação era antiga. Desde 1900, em Paris, o Congresso da internacional Socialista tinha recomendado que todos os Partidos Socialistas assumissem esta reivindicação junto com um maior esforço na luta pelas 8 horas diárias.

Vargas continua o que vinha fazendo desde que tomou o poder, em 1930. Moderniza o País através da criação de condições para o desenvolvimento industrial e da legislação trabalhista. O objetivo central desta legislação era controlar a luta de classes e fazer esquecer as três décadas de greve, manifestações e resistência operaria. Tudo tinha que aparecer como algo dado, uma dádiva do pai-governo. A leis seriam benefícios outorgados por um governo que estaria acima dos interesses das classes. Para isto, nada melhor do que "doar" a lei do salário mínimo exatamente no dia 1º de Maio.

No Brasil, o governo, desde 1924, tinha feito aprovar uma lei que transformava o 1º de Maio em feriado Nacional. O gozado é que este dia passou a ser feriado, sem quem as 8 horas, objetivo central da luta operária no mundo inteiro, fosse reconhecida.

Fazer esquecer o 1º de Maio

A partir do golpe de 1937, Vargas impõe sua ditadura. Para este objetivo viriam dois instrumentos fundamentais: O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). O DIP cuidará de disputar a hegemonia entre os trabalhadores através de um poderosíssimo instrumento criado para este fim: a voz do Brasil.

Se Getúlio, não conseguisse convencer através daquele programa fazer a cabeça dos trabalhadores via DIP, mandaria os DOPS rachar suas cabeças para enfiar nelas suas idéias. Ou fazer cabeças ou rachar cabeças. Essa é a disputa de hegemonia que a burguesia sabe fazer. Foi assim que Vargas encheu as prisões de presos políticos. Com vinte mil comunistas, anarquistas e socialistas presos, Getúlio tinha campo livre para disputar a cabeça dos trabalhadores.

Em 1º de Maio de 1942, Getúlio inaugura a companhia Siderúrgica Nacional, CSN. Neste dia ele lança dois grandes movimentos: a "batalha da produção" e a campanha de sindicalização, com o seguinte lema: "Trabalhador organizado e trabalhador disciplinado".

A partir desta data, na Hora do Brasil, o ministro do trabalho, Marcondes Filho, passa a falar, em todo programa, para a sua querida classe laboriosa: os trabalhadores. Propaganda pura do Governo Getúlio; disputa de cabeças.

Novo 1º de Maio em 1943. De novo, Getúlio, no São Januário inicia seu discurso com o seu "Trabalhadores do Brasil". E aí dezenas de milhares de trabalhadores desfilem com seus macacões e enormes fotos do Getúlio. No meio de vivas ao 1º de Maio e com os novos operários da CSN cantando marchinhas para o Getúlio, este entrega a CLT. Este é o 1º de Maio do governo. O contrário do que os lutadores operários do começo do século XX querem um "1º de Maio sem governo e sem patrões".

Mas a II Guerra estava chegando ao fim. No Brasil começa um movimento pela democratização do País. Em 1944, começa a renascer a luta operária. Mesmo com milhares de lutadores ausentes, presos nas masmorras do DOPS, nos vários estados, os comunistas organizam clandestinamente o Movimento Unificado dos Trabalhadores (MUT).

Um ano depois, a IIª guerra acaba com a derrota das ditaduras de Hitler, Mussolini e Hirohito. O movimento operário voltara a aparecer à luz do sol. Virá a Anistia aos presos políticos e legalização do PCB. O 1º de Maio de 46 será diferente.

3ª Parte — 1968: o 1º de Maio pertence aos trabalhadores Ditadura queria enganar os trabalhadores

Reginaldo Moraes

Em 1968, os brasileiros entravam no quarto ano de ditadura, arrocho, recessão e desemprego. Nos sindicatos, reinavam os pelegos, muitos deles antigos interventores, nomeados pelos milicos. Sentiam a insatisfação de suas categorias e imaginavam formas de simular alguma resistência.

Em São Paulo, com maior força que no resto do País, surge o Movimento Inter-sindical Anti-arrocho (MIA). Por trás desta sigla estavam conhecidos pelegos, interventores militares e alguns pedaços da esquerda tradicional. Contudo, os grupos organizados de oposição sindical, junto com nascentes movimentos de bairro, que ainda conseguiam sobreviver à perseguição, tentavam furar essa manobra.

É possível que a crise atual leve à construção de um novo modelo cujos contornos estão sendo definidos neste exato momento." Revista "Época", 22/09/2008

A respeito da "crise de 1929" e do "Capitalismo Financeiro" praticado no século XX, considere as afirmações:

- I. A crise de 1929 teve como ponto nevrálgico o excesso de oferta (queda substancial dos preços) nos Estados Unidos, aliado a grandes especulações financeiras;
- II. São características do Capitalismo Financeiro: economia monopolizada, acúmulo primitivo do capital decorrente da expansão ultramarina, prática da tradicional Divisão Internacional do Trabalho;
- III. Os Estados Unidos, diante da crise, executou o "New Deal", onde o governo passou a interferir na economia, elaborando e investindo de forma efetiva em diversos âmbitos da dinâmica social, buscando recuperar-se das perdas.

Então,

- a) apenas I e II estão corretas.
- b) apenas II e III estão corretas.
- c) apenas I e III estão corretas.
- d) apenas II está correta.

11 - (Uerj 2006) Hoje não há potências dispostas a dominar outros territórios, embora as oportunidades, e talvez até a necessidade, do colonialismo sejam tão grandes quanto foram no século XIX.

Aqueles países deixados de fora da economia global correm o risco de cair em um círculo vicioso. Governo fraco é sinônimo de desordem, e isso significa queda nos investimentos.

Mesmo assim, os países fracos ainda precisam dos fortes, e os fortes ainda precisam de um mundo ordeiro. Um mundo em que os eficientes e bem governados exportam estabilidade e liberdade e que está aberto a investimentos e crescimento - tudo isso parece eminentemente desejável.

Robert Cooper - diplomata britânico - (Adaptado de "Jornal do Brasil", 05/05/2002)

Ainda que o domínio direto proposto no texto não seja usual nos dias de hoje, os Estados centrais valem-se de estratégias de controle sobre os Estados periféricos.

Uma dessas estratégias é:

- a) regulação dos setores energético e tecnológico
- b) fiscalização do fluxo de mão-de-obra e de capitais
- c) negociação de políticas socioeducativas e culturais
- d) militarização da exploração e da comercialização de recursos estratégicos

12 - (Uerj 2009) A estrutura desse sistema internacional de circulação alcançou tal grau de complexidade que ultrapassa a compreensão da maioria das pessoas. As fronteiras entre funções diferentes como as de bancos, corretoras, serviços financeiros, financiamento habitacional, crédito ao consumidor etc. tornaram-se cada vez mais porosas, ao mesmo tempo que novas transações futuras de mercadorias, de ações, de moedas ou de dívidas surgiram em toda parte, introduzindo o tempo futuro no tempo presente de maneiras estupefacentes. DAVID HARVEY. Adaptado de "Condição pós-moderna". S P: Edições Loyola, 1992.

Todas essas causas têm contribuído para o problema, mas não são suficientes para explicá-lo. Estes aumentos especulativos, tal como os preços do petróleo, resultam de o capital financeiro ter começado a investir fortemente nos mercados internacionais de produtos agrícolas depois da crise do investimento no setor imobiliário.

(Adaptado: SANTOS. B. S. Transnacionais de alimentos lucram com aumento da fome. "Carta Maior". . 7/05/08.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre os subtemas, assinale a alternativa **CORRETA**.

- a) A crise alimentar, outrora um problema de ordem econômica, transformou-se, no contexto da globalização, numa questão essencialmente ecológica.
- b) Desequilíbrios globais e "bolhas especulativas" compõem o conjunto de fenômenos na base da crise alimentar.
- c) Por ser de dimensão global, a crise alimentar tem garantido a inclusão mais igualitária dos países em vocação agrícola no mercado mundial.
- d) A crise alimentar é fictícia e tem por finalidade básica permitir aos governos neoliberais a elevação do valor de seus produtos agrícolas.

9 - (Fgv 2009) EUA criam ajuda de US\$ 200 Bi a imobiliárias

"Gigantes de mercado estão sob intervenção federal, por tempo indeterminado, e já funcionam como se fossem estatais".

("Folha de S. Paulo", 08.09.2008)

Sobre essa manchete e outras que têm sido divulgadas pela imprensa mundial e brasileira, são feitas as seguintes afirmações:

- I. um dos maiores defensores do neoliberalismo e do livre mercado acaba de negar seus princípios fundamentais;
- II. a regulação do mercado financeiro é uma forma ativa de proteger o sistema capitalista da possibilidade de um novo crack;
- III. a intervenção estatal nada mais é do que a manutenção do princípio neoliberal de concentrar a atuação do Estado em setores estratégicos do mercado.

Está correto somente o que se afirma em:

- a) I.
- b) I e II.
- c) I e III.
- d) II.
- e) II e III.

10 - (Mackenzie 2009) "A crise financeira que assola Wall Street, que dura quase 14 meses, atingiu seu auge na semana passada e trouxe a todas as mentes o fantasma da crise de 1929 e da Grande Depressão dos anos 30. A crise parecia suspensa na sexta-feira com a súbita euforia nos mercados diante do anúncio de intervenção do governo americano. (...) Ao longo da semana, a maior economia do mundo se converteu em um imenso laboratório onde estão sendo testadas as ideias para o capitalismo financeiro do século XXI. Em 1929, começou a maior crise financeira que o mundo já viu. Ela se alastrou por quase uma década e se confundiu, ao final, com o rearmamento em três continentes e com a Segunda Guerra Mundial. Fez surgir no Hemisfério Norte um capitalismo de face mais humana, mitigado pela necessidade política de incluir e proteger seus cidadãos.

Na capital paulista, nas comemorações do Primeiro de Maio, o governador paulista, Abreu Sodré, juntou-se aos pelegos para uma manifestação de descontentamento bem comportado" na Praça da Sé, centro tradicional das manifestações do 1º de Maio. Bom, pelo menos era isso que eles esperavam. Não contavam com os sindicalistas de oposição, com os grupos organizados do movimento estudantil, que se opunham à ditadura e com movimentos de bairro e de periferia.

Palanque incendiado

Mal começada a farsa, vaias, agitação e pedradas no palanque obrigaram os pelegos e o governador a sair correndo. Sodré recebeu uma pedra na cabeça e foi flagrado saindo de gatinhos, para não levar pedradas. Enquanto a comitiva se refugiava na catedral, o palanque foi queimado e uma passeata desceu a rua XV de Novembro até à Avenida Ipiranga. Lá, na famosa esquina com a Avenida São João, as vidraças da agência do City Bank, com tudo o que este banco simbolizava, foram apedrejadas. É claro que a direita e sua imprensa consideraram esta atitude uma lamentável provocação, falta de civilidade política.

Era contudo uma clara disputa. A velha disputa de hegemonia com a classe patronal e seu governo. De quem é o Primeiro de Maio? E quem tem que ter a palavra nesse dia? É um dia em que os senhores reconhecem a existência dos escravos e lhes distribuem biscoitos, prêmios e, hoje, automóveis?

Ou é um dia em que a classe trabalhadora reconhece sua própria identidade e sua oposição aos exploradores?

Mas esse era apenas o começo de um ano quente. O Primeiro de Maio tinha sido, naquele ano, um primeiro grito de independência ideológica e política.

Dois meses depois, o ministro do Trabalho, coronel Jarbas Passarinho, que também queria posar de moderno e conciliador, seria obrigado a engolir uma dura greve, em Osasco, periferia de São Paulo.

Na greve de abril, em Contagem, perto de Belo Horizonte, ele tentou enrolar e concedeu um abono de 10%. Agora a máscara da Ditadura cairá rapidamente até a noite do golpe dentro do golpe, com o Ato Institucional nº 5, em dezembro.

Parte 4 — 1980: 1º de Maio em São Bernardo Debaixo dos helicópteros nasce a CUT

Vito Giannotti

A CUT foi fundada em 1983. Mas de fato ela estava sendo gestada naquele 1º de Maio de 1980, no estádio de Vila Euclides, em São Bernardo. A Ditadura estava desgastada, mas não morta. Figueiredo deixava seus generais ocuparem Brasília e seus Serviços especiais explodirem bombas nos Rio Centros.

O 1º de Maio daquele ano seria diferente dos outros anos de Ditadura. Desde 1977 tinha tido algum tímido ensaio de comemorar o Dia dos Trabalhadores em praça pública. Em Osasco, periferia de São Paulo, no ano de 77, foi armado o primeiro palanque de Primeiro de Maio pós-68. Em 79, o 1º de Maio começa a voltar à cena. As greves tinham explodido com vigor no setor metalúrgico de São Bernardo e São Paulo. O ano de 79 viu mais de 430 greves e três milhões de grevistas. A repressão foi dura, naquele ano.

Sete operários urbanos foram mortos em piquetes. No campo, latifúndio e governo continuavam a tradicional chacina de lideranças para impedir a Reforma Agrária.

Neste clima acontece a segunda grande greve de São Bernardo que iniciará uma longa lista de greves anuais, na ocasião da época do reajuste. Os metalúrgicos estavam em greve desde o mês de abril. Uma greve pesada, com cassação e prisão da diretoria e lideranças. Lula estava na prisão e o movimento vivo dos trabalhadores estava decidindo o que fazer no 1º de Maio. E assim, no dia, dezenas de milhares de trabalhadores e lutadores do povo, da cidade e do campo, de todos os estados do País confluíram para o grande 1º de Maio de São Bernardo.

A ditadura não queria admitir o desafio desta manifestação. As rádios alarmavam a população. São Bernardo se tornara uma praça de guerra com mais de cinco mil agentes da repressão. O pessoal se concentra na catedral e ruas adjacentes.

A dúvida era: sair ou não sair em passeata. Vários deputados e até um senador estavam presentes ara evitar um desastre. No final, a passeata ocupa a rua principal de São Bernardo, passa pelo Paço Municipal e continua rumo ao estádio de Vila Euclides, A polícia bate em retirada pouco a pouco.

Uns cem mil manifestantes tomam conta das ruas da cidade.

No estádio, o Brasil todo estava lá. Todo tipo de trabalhador, da cidade, do campo, de todos os estados. De Pernambuco os companheiros trazem dois sacos de dinheiro amassado, notas pequenas recolhidas na periferia para ajudar o Fundo de Greve. Do Pará chega gente que enfrentou uma viagem de 8 dias: barco, caminhão, ônibus. Gaúchos vêm com suas bombachas e piauienses com seus chapéus de couro.

As faixas estendidas no estádio diziam tudo: "Viva o 1º de Maio", "O Sindicato é você", "Autonomia e liberdade sindical", "Fim da intervenção", "Trabalhador unido, jamais será vencido", "A greve continua".

Nem todo mundo estava lá. Uma parte do movimento sindical brasileiro se recusara a ir para São Bernardo. Discordavam de quase tudo: da tática à estratégia. Esta turma, anos depois, fundará a CGT.

Mas imensa maioria estava lá, acenando com suas bandeirinhas do Brasil para os helicópteros do Exército ou da PM que voavam sobre 100 mil cabeças.

Lula também não estava lá. Estava, junto com mais de 50 companheiros, nas prisões da ditadura. Mas sua presença era fortíssima entre aqueles milhares de trabalhadores. Naquele dia se tornará uma liderança nacional.

Neste 1º de Maio, podemos dizer que nasceu a CUT.

Uma Central que nasceu da luta, da vontade de enfrentar governo e patrões. Uma Central que nasce contra a lei para criar uma outra lei. Uma outra institucionalidade.

() Vito Gianotti é coordenador do Núcleo Piratininga de Comunicação; Reginaldo Moraes é professor da Unicamp.*

6 - (Pucmg 2008) No mundo capitalista, a industrialização contemporânea apresenta uma certa dispersão do processo produtivo em áreas que oferecem maiores vantagens econômicas. Entre os reflexos dessa realidade nos países periféricos, assinale a afirmação **INCORRETA**.

- a) Ocorre implantação de avanços tecnológicos e expansão da produção em países periféricos, como estratégias instituídas pelo modelo industrial vigente, para ampliar seus mercados.
- b) Existe incentivo ao consumo dos produtos disponibilizados pela indústria moderna, alterando hábitos culturais nos países periféricos e atendendo ao sistema de capital mundial.
- c) Há discrepância entre o setor público dos países periféricos, com pouca capacidade de investimento, e o da iniciativa privada internacional e/ou nacional, que investe, cresce e se globaliza em diversos setores.
- d) Há uma ordem pré-estabelecida para o acesso a uma vida mais digna, favorecida pela expansão do processo de produção em países periféricos.

7 - (Pucmg 2009) Com o avanço do processo de globalização, a industrialização estendeu-se a vários países e regiões do mundo, levando à superação do modelo clássico da Divisão Internacional do Trabalho, em que cabiam aos países ricos a produção e a exportação de manufaturados e aos países pobres a produção e a exportação de matérias-primas. No modelo atual, há uma tendência clara de deslocamento de alguns tipos de indústrias para países periféricos, atendendo a interesses econômicos e estratégicos das grandes corporações.

São exemplos de indústrias que, no processo de desconcentração industrial, privilegiaram sua localização em alguns países periféricos da Ásia e América Latina, **EXCETO**:

- a) indústrias de base, como as siderúrgicas, metalúrgicas ou petroquímicas, pelas vantagens locais oferecidas próximo às áreas produtoras das matérias-primas.
- b) indústrias de bens de consumo não duráveis ou semiduráveis, como as indústrias de alimentos, bebida ou de vestuário, em virtude da elevada disponibilidade de mão-de-obra barata e da proximidade dos mercados consumidores.
- c) indústrias de alta tecnologia, vinculadas a setores como a informática, telecomunicação por satélites e produtos aeroespaciais, que exigem mão-de-obra altamente qualificada e vinculação estreita com grandes centros de pesquisa e universidades.
- d) indústrias de bens de consumo duráveis como móveis, eletrodomésticos e automóveis, que, apesar de destinarem-se a um mercado consumidor mais amplo, favoreceram-se de benefícios fiscais e de parcerias locais.

8 - (Uel 2009) A opinião pública tem sido informada que o surto da fome está ligado à escassez de produtos agrícolas, que decorre das más colheitas provocadas pelo aquecimento global e pelas alterações climáticas, do aumento de consumo de cereais na Índia e na China, do aumento dos custos dos transportes e da crescente reserva de terras para a produção dos agro-combustíveis.

“Parece que enquanto o conhecimento técnico expande o horizonte da atividade e do pensamento humanos, a autonomia do homem enquanto indivíduo, a sua capacidade de opor resistência ao crescente mecanismo de manipulação das massas, o seu poder de imaginação e o seu juízo independente sofreram aparentemente uma redução. O avanço dos recursos técnicos de informação se acompanha de um processo de desumanização. Assim, o progresso ameaça anular o que se supõe ser o seu próprio objetivo: a idéia de homem”. (HORKHEIMER Max. *Eclipse da razão*. Trad. de Sebastião Uchôa. RJ: Editorial Labor, 1976.6.)

Com base no texto, na imagem e nos conhecimentos sobre racionalidade instrumental, é correto afirmar:

- A imagem de Chaplin está de acordo com a crítica de Horkheimer: ao invés de o progresso e da técnica servirem ao homem, este se torna cada vez mais escravo dos mecanismos criados para tornar a sua vida melhor e mais livre.
- A imagem e o texto remetem à idéia de que o desenvolvimento tecnológico e o extraordinário progresso permitiram ao homem atingir a autonomia plena.
- Imagem e texto apresentam o conceito de racionalidade que está na estrutura da sociedade industrial com o viabilizador da emancipação do homem em relação a todas as formas de opressão.
- Tanto a imagem quanto o texto enaltecem a inevitável instrumentalização das relações humanas nas sociedades contemporâneas.

5 - (UEL-2005) “A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado, para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo. Mas, ao mesmo tempo, a mecanização atingiu um tal poderio sobre a pessoa em seu lazer e sobre a sua felicidade, ela determina tão profundamente a fabricação das mercadorias destinadas à diversão, que esta pessoa não pode mais perceber outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho”. (ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Trad. de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p.128.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre trabalho e lazer no capitalismo tardio, em Adorno e Horkheimer, é correto afirmar:

- Há um círculo vicioso que envolve o processo de trabalho e os momentos de lazer. Com o objetivo de fugir do trabalho mecanizado e repor as forças, o indivíduo busca refúgio no lazer, porém o lazer se estrutura com base na mesma lógica mecanizada do trabalho.
- Apesar de se apresentarem como duas dimensões de um mesmo processo, lazer e trabalho se diferenciam no capitalismo tardio, na medida em que o primeiro é o espaço do desenvolvimento das potencialidades individuais, a exemplo da reflexão.
- Mesmo sendo produzidas de acordo com um esquema mercadológico que fabrica cópias em ritmo industrial, as mercadorias acessadas nos momentos de lazer proporcionam ao indivíduo plena diversão e cultura.
- Tanto o trabalho quanto o lazer preservam a autonomia do indivíduo, mesmo nos processos de mecanização que caracterizam a fabricação de mercadorias no capitalismo tardio.

TEXTO 2

NOVO SINDICALISMO, A ESTRUTURA SINDICAL E A VOZ DOS TRABALHADORES

O historiador e colaborador do Núcleo Piratininga de Comunicação, **Guilherme Marques Soninho**, lançou no final do ano passado o livro **O Novo Sindicalismo, a Estrutura Sindical e a Voz dos Trabalhadores**. Leia a entrevista de **Rosângela Gil e Sérgio Domingues** com Soninho sobre o seu livro, em abril de 2005.

Boletim do NPC. Por que nunca havia sido criada uma central sindical antes da CUT no Brasil?

Guilherme Marques Soninho. Antes da CUT foram feitas várias tentativas de criação de centrais. Em 1908 foi fundada a Confederação Operária Brasileira (COB), que pode ser considerada a primeira experiência da classe trabalhadora brasileira de criação de uma central.

Depois disso, diversas experiências, normalmente de curta duração, se seguiram: em 1929, em 1935, em 1946, em 1953 (fruto da “greve dos 300 mil” em São Paulo). No Rio, em 1952, em 1958 e em 1960 (como resultado da “greve da paridade”). Finalmente, em 1962, foi criado o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT). Em janeiro de 1964 foi criada ainda a União Sindical dos Trabalhadores (UST) que organizava os pelegos para rivalizar com o CGT.

Durante a ditadura militar, logo em 1967 houve algumas tentativas de aglutinação, tipo o Movimento Anti Arrocho (MIA), mas sem nenhuma expressão. Mesmo sob forte repressão, em 68 aconteceram as greves de Osasco (SP) e Contagem (MG), que foram um marco, mas não avançaram na unificação da classe nacionalmente.

A criação dessas centrais não quer dizer que elas tenham conseguido, de fato, existir e se consolidar. A maioria dessas tentativas foi abortada pela repressão. Além disso, proibidas de existir pelas leis que regulamentam os sindicatos no Brasil que chamamos de estrutura sindical - elas eram normalmente apenas formas de articulação entre sindicatos oficiais e normalmente articulações regionais. E sabemos que era proibida a sindicalização de trabalhadores rurais, de funcionários públicos etc. Por isso prefiro falar em tentativas de criação de centrais sindicais.

Portanto, quando se diz que a CUT foi a primeira central de trabalhadores no Brasil, quer dizer que a CUT foi a primeira a se consolidar em todo o território nacional. Foi também a primeira a ter uma estrutura própria, não sendo apenas uma reunião de algumas federações, confederações e sindicatos.

Lembremos que a estrutura sindical brasileira não prevê a existência de centrais sindicais. Elas não têm poder de contratação, de assinar acordos com os patrões. Passarão a ter apenas agora, com a reforma sindical do Governo Lula. Mas a CUT, nas suas origens, era crítica da estrutura sindical. Por isso nasceu como uma central de trabalhadores, não de sindicatos. Organizava trabalhadores do campo que não eram sindicalizados. Organizava os funcionários públicos que não eram sindicalizados. E organizava as oposições sindicais. Seus congressos tinham a participação de trabalhadores de base ao lado de diretorias oficiais. Essas são características fundamentais de uma central de trabalhadores, e diferenciavam a CUT das articulações entre sindicatos, das articulações de

cúpula, tentadas por um ou outro dirigente sindical de boa vontade. Foi por isso ela conseguiu se consolidar.

BNPC. O surgimento da CUT pode ser visto como resposta à estrutura sindical autoritária da ditadura militar ou à estrutura sindical corporativista de Getúlio?

Soninho. Essa é uma pergunta difícil de ser respondida. Em primeiro lugar, é importante esclarecer que o modelo ditatorial de sindicalismo imposto pela ditadura militar, não tem contradições com a estrutura sindical varguista. A estrutura sindical é a mesma, e como é definida pelo Estado, e não pelos trabalhadores, permite que diferentes governos imponham, a partir da mesma estrutura, modelos sindicais distintos.

É inegável que a CUT, no seu nascimento, se contrapunha à estrutura sindical oficial, criada por Getúlio Vargas. Organizava inclusive (como já dissemos) vários setores de trabalhadores não sindicalizados. A pergunta então hoje colocada seria se a CUT se contrapunha realmente às causas do problema (a estrutura sindical corporativa), ou apenas à sua consequência (o modelo ditatorial de sindicalismo dos militares).

Observando a história da Central nestes mais de 20 anos após o seu surgimento, percebendo a sua adaptação à estrutura sindical, sua renúncia à luta pela liberdade e pluralidade sindical, sua aceitação da tutela da Justiça do Trabalho, sua aceitação de leis que regulam o direito de greve, etc, pode-se dizer que ela assumiu apenas a crítica ao modelo ditatorial de sindicalismo. O que não quer dizer, que na sua origem, suas críticas à estrutura sindical não fossem sinceras, e que seu nascimento não tenha sido uma resposta à estrutura sindical também. É claro que esta compreensão da necessidade de uma nova estrutura sindical totalmente desatrelada daquela oficial não era generalizada. Ela tinha um pólo propulsor em São Paulo, na Oposição Sindical, mas não era generalizada. No geral a contradição era mais com as imposições da ditadura militar.

BNPC. Quais as principais correntes formadoras da Central?

Soninho. Essa questão ajuda também a clarear a pergunta anterior.

Foram duas as principais correntes formadoras da CUT. A primeira era representada pelo sindicato dos metalúrgicos do ABC, do Lula. Caracterizava-se por um sindicalismo combativo e massivo. Tinha grande influência da Igreja. Durante o primeiro momento a esta se juntaram os sindicatos dirigidos pelo PCB, PCdoB, MR8 e pela CONTAG. Rapidamente estas duas vertentes se separaram.

A segunda corrente era representada pela Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo (OSM-SP). Caracterizava-se também pela combatividade. Mas caracterizava-se fundamentalmente pelo trabalho de base, era organizada a partir dos conselhos ou comissões de fábrica, onde participavam todos os trabalhadores, sindicalizados ou não. A crítica (na teoria e na prática) à estrutura sindical era marcante na OSM-SP. Era influenciada por vários grupos da esquerda marxista e revolucionária e ao mesmo tempo pela visão basista dos militantes oriundos das pastorais da Igreja católica.

Nos anos finais da década de 1970 e nos primeiros da de 1980, muitos conflitos, lutas e movimentos de base (nas fábricas, no campo, nas escolas, universidades, nos bairros, favelas e mesmo na Igreja) surgiram. Pequenos grupos de cunho ideológico

III. A dimensão crítica da razão, imune ao progresso tecnológico e ao avanço da ciência, impediu a dominação do homem.

IV. A humanidade, nos dias atuais, atingiu um grau significativo de controle sobre o meio em que vive e, para isso, conta com o auxílio de instrumentos administrativos e tecnológicos.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- a) I e III. b) I e IV. c) II e IV. d) I, II e III. e) II, III e IV.

3 - (UEL-2004) "O aumento da produtividade econômica, que por um lado produz as condições mais justas para um mundo mais justo, confere por outro lado ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população. O indivíduo se vê completamente anulado em face dos poderes econômicos. Ao mesmo tempo, estes elevam o poder da sociedade sobre a natureza a um nível jamais imaginado. Desaparecendo diante do aparelho a que serve, o indivíduo se vê, ao mesmo tempo, melhor do que nunca provido por ele. Numa situação injusta, a impotência e a dirigibilidade da massa aumentam com a quantidade de bens a ela destinados." (ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Trad. De Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. p. 14.)

De acordo com o texto de Adorno e Horkheimer, é correto afirmar:

- a) A alta capacidade produtiva da sociedade garante liberdade e justiça para seus membros, independentemente da forma como ela se estrutura, controlando ou não seus membros.
- b) O "desaparecimento" do indivíduo diante do aparato econômico da sociedade se deve à incapacidade dos próprios cidadãos em se integrarem adequadamente ao mercado de trabalho.
- c) A ciência e a técnica, independente de quem tem seu controle, são as responsáveis pela circunstância de muitos estarem impossibilitados de atingir o status de sujeito numa sociedade altamente produtiva.
- d) O fato de a sociedade produzir muitos bens, valendo-se da ciência e da técnica, poderia representar um grau maior de justiça para todos; no entanto, ela anula o indivíduo em função do modo como está organizada e como é exercido o poder.
- e) O alto grau de autonomia das massas na sociedade capitalista contemporânea é resultado do avançado domínio tecnológico alcançado pelo homem.

4 - (UFU-2005) Analise a figura a seguir.



Chaplin. Tempos Modernos. (Disponível em: Acesso em: 8 ago. 2004.)11

QUESTÕES DE VESTIBULAR

1 - (UFU 1ª fase Janeiro de 2004) Leia o fragmento abaixo, de Karl Marx.

Com o próprio funcionamento, o processo capitalista de produção reproduz, portanto, a separação entre a força de trabalho e as condições de trabalho, perpetuando, assim, as condições de exploração do trabalhador. Compele sempre o trabalhador a vender sua força de trabalho para viver, e capacita sempre o capitalista a comprá-la. MARX, K. *O capital*, Livro I, O processo de produção do Capital [Vol. II]. Trad. De Reginaldo Sant'Anna. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987, p. 672.

- De acordo com o filósofo alemão, a condição do trabalhador na economia capitalista clássica é
- I . de realização plena da sua capacidade produtiva, alcançando a autonomia financeira e a satisfação dos valores existenciais tão almejados pela humanidade, desde os primórdios da história.
 - II . de alienação, pois os trabalhadores possuem apenas sua capacidade de trabalhar, que é vendida ao capitalista em troca do salário, por isso, a produção não pertence ao trabalhador, sendo-lhe estranha.
 - III . de superação da sua condição de ser natural para tornar-se ser social, liberto graças à divisão do trabalho, que lhe permite o desenvolvimento completo de suas habilidades naturais na fábrica.
 - IV . de coisa, isto é, o trabalhador é reificado, tornando-se mercadoria, cujo preço é o salário, ao passo que as coisas produzidas pelo trabalhador, na ótica capitalista, parecem dotadas de existência própria.

Assinale a alternativa que apresenta as assertivas corretas.

- A) II e IV B) I e II C) II e III D) III e IV

2 - (UEL-2004) "A doença da razão está no fato de que ela nasceu da necessidade humana de dominar a natureza. Essa vontade de dominar a natureza, de compreender suas 'leis' para submetê-la, exigiu a instauração de uma organização burocrática e impessoal, que, em nome do triunfo da razão sobre a natureza, chegou a reduzir o homem a simples instrumento. Naturalmente, as possibilidades atuais eram inimagináveis nos tempos passados: hoje o progresso tecnológico põe à disposição de todos objetos e bens que antes só existiam nos sonhos dos utopistas. [...] O progresso dos recursos técnicos, que poderia servir para 'iluminar' a mente do homem, se acompanha pelo processo da desumanização, de tal modo que o progresso ameaça destruir precisamente o objetivo que deveria realizar: a idéia do homem." (REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia*. Trad. de Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1991. v. 3. p. 846.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre razão instrumental em Adorno e Horkheimer, considere as afirmativas a seguir.

- I. A forma como o domínio da natureza foi alcançado preservou a "idéia do homem", objetivo central do progresso técnico.
- II. O objetivo do homem, desde o início de sua história, era o de dominar a natureza e fazer uso de seus recursos para viver melhor.

brotavam em todos os cantos. E nesse processo, a referência política conquistada por essas duas principais correntes conseguiu atrair os diferentes grupos e dar corpo ao projeto de criação do PT e da CUT.

Mas não devemos esquecer que o grupo do Lula era integrado à estrutura sindical e, inicialmente, aliado dos PC s. E que o grupo das oposições sindicais era inimigo destes setores que eram chamados comumente de reformistas, atuava contra a estrutura sindical. Foi a aliança com as oposições que levou ao racha entre o grupo de Lula e seus aliados reformistas, assim como levou a uma crítica mais profunda da estrutura sindical.

No decorrer da história, o grupo capitaneado pelos metalúrgicos do ABC se tornou hegemônico na CUT, afastou as oposições sindicais dos processos decisórios e levou a central a se adaptar à estrutura sindical. E, na CUT, entraram o PCB, o PCdoB e a CONTAG, o que é mais um sintoma da adaptação da CUT à estrutura sindical.

BNPC. Quais são os momentos definidores (conjunturas, congressos, propostas) do atual perfil da CUT? Qual é o atual perfil da CUT? Faz tempo, tinha gente que dizia que a CUT tava virando uma central de sindicatos de trabalhadores classe media e de funcionários públicos e que a orientação da central, seus temas, campanhas e programas refletiam isso (além das direções, claro). Isso se mostrava também na composição dos congressos, dos sindicatos filiados, criados, etc. Tem fundamento? Como você vê isso?

Soninho. Para mim o momento mais marcante da história da CUT foi a greve geral de 14 e 15 de março de 1989. Foi o auge da CUT e uma demonstração de força dos trabalhadores nunca vista antes no Brasil.

Quanto aos momentos marcantes para a compreensão do atual perfil da CUT, acredito que o III CONCUR, em 1988, em que foram aprovadas diversas mudanças estatutárias (que acabaram com a participação de base nos congressos nacionais, que praticamente extinguiu a representação das oposições sindicais, e que privilegiou a representação dos sindicatos, excluindo de fato movimentos não sindicais como o MST) foi fundamental.

A quase eleição do Lula em 1989 também. Pois fortaleceu a visão de que seria fácil mudar a sociedade brasileira. Afinal, mudar a sociedade a partir da organização dos trabalhadores é muito mais difícil do que ganhar uma eleição a cada 4 anos.

Acho que a greve dos petroleiros de 1995, quando a CUT não organizou uma greve geral para fazer frente ao projeto neoliberal, foi outro marco. Nesse período, a CUT já vinha demarcando o seu perfil como uma central de negociação. Nestes anos, a CUT se afirmava como a central das câmaras setoriais, da negociação da reforma da previdência, etc.

A autonomia sindical, a transformação social por obra exclusiva dos trabalhadores, o socialismo e a luta pela derrubada do Estado burguês, deram lugar a perspectiva de participação neste Estado e de reformar o capitalismo.

Quanto ao atual perfil da CUT ser de trabalhadores de classe média e de funcionários públicos, em parte é verdade. A chamada reestruturação produtiva, com as privatizações, terceirizações, demissões em massa, precarização e informalização do trabalho,

foram fundamentais. Afinal, trabalhador com carteira, sindicalizado, hoje é em grande parte de classe média.

Além disso, o ataque do governo FHC aos servidores públicos foi muito forte. Eles foram culpados pela crise do capital. Oito anos sem aumentos, perdas de direitos, sucateamento dos serviços públicos, nenhum concurso... Por isso, nos anos 1990, os servidores públicos foram a parcela dos trabalhadores que mais se mobilizou, que mais fez greves, que mais esteve nas ruas. Além deles, só o MST e os outros grupos menores de luta pela terra, com suas ocupações e marchas...

BNPC. Como fica a representação dos setores excluídos do mercado de trabalho formal?

Soninho. No mercado informal não existe acordo formal para ser negociado. Se uma central quer organizar os trabalhadores e disputar hegemonia na sociedade, para lutar, revolucionar, se existe contratação formal ou não, não faz diferença. Veja o exemplo do MST, para eles o que interessa é organizar os trabalhadores para lutar...

Se toda sua política e sua prática giram em torno da negociação, dos acordos com os patrões, para que organizar os trabalhadores informais? Essa é a situação que envolve a CUT e os trabalhadores informais.

BNPC. Balanço e perspectivas da Central diante de um governo eleito com seu apoio.

Soninho. A CUT não mudou por causa do governo Lula. Já havia mudado. No meu livro eu analiso o Novo Sindicalismo até 1995 e já viamos estas mudanças. A central, mesmo antes da eleição do Lula, já não lutava contra o governo e os patrões, lutava pelo governo e, algumas vezes, junto com os patrões.

Há vários anos as intervenções da CUT vêm no sentido de melhorar as condições de acumulação do capital. Defende a redução de impostos para o setor produtivo, a redução de juros, banco de horas, etc. Só que agora, com o governo Lula, a CUT não é mais oposição, é governo. Agora estas políticas ficam mais escancaradas, é mais visível, as pessoas comentam.

Hoje mesmo (07/04/2005) no O Globo tem uma matéria com o Luis Marinho (presidente da CUT), sobre a possibilidade do fechamento de uma fábrica em Juiz de Fora MG. Esta empresa para se instalar lá, recebeu uma série de benefícios : a doação de um terreno de 2,6 milhões de metros quadrados, isenção de impostos municipais e estaduais por 10 anos, além de um generoso empréstimo de 180 milhões de dólares do BNDES. Agora, a empresa ameaça fechar.

A CUT não luta sistematicamente contra estes benefícios para o capital. Pelo contrário, muitas vezes os defende. Ao mesmo tempo, não exige do seu governo, benefícios equivalentes para os trabalhadores sem teto ou sem terra. A questão colocada é: em conflitos do governo com os trabalhadores, do lado de quem fica ou ficará a CUT? A atuação da CUT na greve dos bancários em 2004, e durante a luta contra a reforma da previdência foi, para dizer o mínimo, ambígua. Se a CUT não ficou formalmente ao lado do governo, com certeza também não encampou a luta dos trabalhadores.

elementos mais gerais deste quadro, com aspectos da singularidade de cada um destes países. Mas é preciso perceber que há um conjunto abrangente de metamorfoses e mutações que tem afetado a classe trabalhadora, e para a qual é absolutamente prioritário o seu entendimento, de modo a resgatar um projeto de classe capaz de enfrentar estes monumentais desafios presentes no final deste século.

Desse modo, é preciso recusar tanto o caminho economicista, das leis férreas e rígidas da economia, que excluem as lutas de classes e as esferas da política e da ideologia, quanto o seu contraponto, o caminho politicista, que desconsidera a esfera da economia política e o mundo da materialidade, o que Marx chamou de "anatomia da sociedade civil". Em ambos os casos, perde-se a possibilidade de apreender os múltiplos e facetados constitutivos desta crise que atinge o movimento operário. Se não se faz esta articulação complexa e fundamental, pode-se incorrer num equivoco grave, que é aquele que se mostra incapaz de perceber o significado essencial destas mudanças.

NOTAS

(1) Em nosso ensaio, *Adeus ao trabalho?*, procuramos indicar alguns elementos fundamentais das mutações que vem ocorrendo no interior do mundo do trabalho. Ver ANTUNES, R. *Adeus ao Trabalho?* (ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho). São Paulo: Cortez, 1995.

(2) É evidente que o movimento operário é muito mais amplo que o movimento sindical, porém, são enormes as relações e conexões entre ambos, de modo que aqui procuramos oferecer alguns elementos básicos que atingem o mundo do trabalho em seu conjunto.

(3) Conforme MÉSZAROS, I. *Produção destrutiva e Estado capitalista*. São Paulo: Ensaio. p.103. Em MÉSZAROS, I. *Beyond Capital: towards a theory of transition*. Londres: Merlin Press, s. d., pode-se encontrar um monumental esforço analítico para se compreender esta crise estrutural do capital (especialmente nas partes 1 e 2), cuja análise acompanhamos integralmente. CHESNAIS, F. *A mundialização do capital*. (São Paulo: Xamã, 1996.) é uma boa radiografia da economia política do capitalismo na era do capital financeiro e oferece elementos importantes para o entendimento desta crise do capital.

(4) Procuramos mostrar, em ANTUNES, *Adeus ao Trabalho?*, op. cit., os equívocos desta tese. Ver especialmente p.135-45.

*Ricardo Antunes é professor do Departamento de Sociologia da UNICAMP.

- 6) intensificação e superexploração do trabalho, com a utilização brutalizada do trabalho dos imigrantes, e expansão dos níveis de trabalho infantil, sob condições criminosas, em tantas partes do mundo, como Ásia, América Latina, entre outros;
- 7) há, em níveis explosivos, um processo de desemprego estrutural que, junto com o trabalho precarizado, atinge cerca de 1 bilhão de trabalhadores, algo em torno de um terço da força humana mundial que trabalha;
- 8) há uma expansão do que Marx chamou de trabalho social combinado (Capítulo Inédito), em que trabalhadores de diversas partes do mundo participam dos processos de produção e de serviços. O que, é evidente, não caminha no sentido da eliminação da classe trabalhadora, mas da sua precarização e utilização de maneira ainda mais intensificada.

Portanto, a classe trabalhadora fragmentou-se, heterogeneizou-se e complexificou-se ainda mais. Tornou-se mais qualificada em vários setores, como na siderurgia, na qual houve uma relativa intelectualização do trabalho, mas desqualificou-se e precarizou-se em diversos ramos, como na indústria automobilística, na qual o ferramenteiro não tem mais a mesma importância, sem falar na tradução dos inspetores de qualidade, dos gráficos, dos mineiros, dos portuários, dos trabalhadores da construção naval etc. Criou-se, de um lado, em escala minoritária, o trabalhador "polivalente e multifuncional", capaz de operar com máquinas com controle numérico e, de outro, uma massa precarizada, sem qualificação, que hoje está presenciando o desemprego estrutural.

Estas mutações criaram, portanto, uma classe trabalhadora mais heterogênea, mais fragmentada e mais complexificada. Entre qualificados/desqualificados, mercado formal/informal, jovens/velhos, homens/mulheres, estáveis/precários, imigrantes etc.

Ao contrário, entretanto, daqueles que propugnaram pelo "fim do papel central da classe trabalhadora" no mundo atual, o desafio maior da *classe-que-vive-do-trabalho* e do movimento sindical e operário, nesta viragem do século XX para o XXI, é soldar os laços de pertencimento de classe existentes entre os diversos segmentos que compreendem o mundo do trabalho, procurando articular desde aqueles segmentos que exercem um papel central no processo de criação de valores de troca, até aqueles segmentos que estão mais à margem do processo produtivo, mas que, pelas condições precárias em que se encontram, constituem-se em contingentes sociais potencialmente rebeldes frente ao capital e suas formas de (des)sociabilização. Condição imprescindível para se opor, hoje, ao brutal desemprego estrutural que atinge o mundo em escala global e que se constitui no exemplo mais evidente do caráter destrutivo e nefasto do capitalismo contemporâneo. O entendimento abrangente e totalizante da crise que atinge o mundo do trabalho passa, portanto, por este conjunto de problemas que incidiram diretamente no movimento operário, na medida em que são complexos que afetaram tanto a economia política do capital, quando as suas esferas política e ideológica. Claro que esta crise é particularizada e singularizada pela forma pela qual estas mudanças econômicas, sociais, políticas e ideológicas afetaram mais ou menos direta e intensamente os diversos países que fazem parte dessa mundialização do capital que é, como se sabe, desigualmente combinada.

Para uma análise detalhada do que se passa no movimento operário inglês, italiano, brasileiro ou coreano, o desafio é buscar essa totalização analítica que articula

BNPC. Perspectivas diante da aprovação da Reforma Sindical proposta pelo governo.

Soninho. Eu não tenho acompanhado de perto esta discussão. No momento estou concluindo minha dissertação de mestrado, sobre o que a imprensa sindical carioca diz da cidade e dos conflitos urbanos. Portanto, vou dar apenas algumas impressões, correndo o risco de não ser preciso ou justo.

Em minha opinião, não se pode analisar a reforma sindical fora de seu contexto, ou seja, de sua ligação com a reforma trabalhista. Ao que parece, a reforma sindical do governo fortalece as centrais sindicais, inclusive financeiramente, em detrimento dos sindicatos de base. Fortalece o poder de negociação das centrais, que passam a fazer parte da estrutura sindical, tendo o poder de assinar acordos, poder de contratação.

A reforma como encaminhada ao Congresso, passa longe do que a CUT defendia: fim da unicidade e dos impostos sindicais. Passa longe da liberdade e pluralismo sindical. Mantém o poder do Estado para, por exemplo, julgar uma greve como abusiva, o que permite as multas e até mesmo a intervenção nos sindicatos.

Como ponto positivo, formaliza as organizações por local de trabalho, com estabilidade para os representantes eleitos dos trabalhadores nas empresas. Porém, nesse ponto não existiu consenso com os empresários, e sua definição se dará no Congresso do Severino. Este é um ponto pendurado no ar, pois toda a reforma afasta as bases, burocratiza, centraliza e substitui o trabalhador pela máquina e burocracia sindical. Parece mais um enfeite para fazer achar o bolo saudável, quando no fundo é totalmente envenenado.

No geral, podemos dizer que a reforma fortalece a CUT e a sua atual parceira Força Sindical na capacidade de negociação. É aí que entra a relação com a reforma trabalhista. Esta teria como fundamento a possibilidade do negociado prevalecer sobre o legislado. Isso quer dizer que os direitos trabalhistas poderiam ser negociados. Isso é um problema. Pois mesmo que algumas poucas, grandes e fortes categorias possam ter força para manter os seus direitos e ainda negociarem outras vantagens (o que já acontece hoje), a tendência é que a grande maioria dos trabalhadores acabe obrigada a fazer acordos prejudiciais. Seja forçada a abrir mão de direitos conquistados ao custo de muita luta, sangue e mesmo morte em 100 anos de lutas da classe trabalhadora brasileira. Uma ainda maior precarização do trabalho pode ser esperada se esse rumo não for mudado. E é exatamente isso que o FMI quer. Isso que o Consenso de Washington já exigia no final da década de 1980.

BNPC. E as propostas de criação de uma nova central sindical por setores que saíram da CUT?

Soninho. Em primeiro lugar eu gostaria de dizer que acho justo que os sindicatos descontentes com os rumos da central se desfilie. Achar justo, porém, não quer dizer que eu ache que este é o melhor caminho no momento.

Na verdade - e agora estou falando como militante - acho que é muito ruim que não exista uma oposição de esquerda ao governo Lula, ou que essa oposição seja muito pequena. Acho que é ruim inclusive para o governo, que perde o argumento da ameaça dos radicais para fazer a sua política de alianças e sua política social compensatória e

focalizada. Desta forma, acho que para aqueles que defendem uma profunda transformação social, uma grande luta contra o neoliberalismo, e que sonham com o socialismo, a prioridade política deveria ser organizar uma grande frente, um grande movimento de luta que se posicione a esquerda do governo. E acho que para essa frente ter capacidade de mobilização, ter visibilidade, deve contar com setores que saíram da CUT e com os descontentes que ficaram, e acho fundamental também, atrair outros grupos políticos como os movimentos de sem terra, de sem teto, de favelas e de estudantes.

A saída da CUT e a perspectiva de formação de uma nova central sindical com todo o trabalho, reflexão e tempo que isso demanda, pode então se transformar em um empecilho para a formação de uma frente como essa? Pode fomentar o sectarismo entre aqueles que acreditam na primazia da luta sobre a conciliação? Essas são questões importantes, que devem ser discutidas de forma fraterna. Mas será que a disputa interna da CUT também não pode desdobrar nos mesmos dilemas? Isto também deve ser discutido de forma fraterna.

Além disso, acredito que o processo de ruptura com a CUT, para aqueles que apostam nesta idéia, deve ser feito com muito cuidado. A realidade é que uma decisão burocrática, tomada em pequenos círculos de diretores sindicais, e aprovada em assembleias esvaziadas, não representará, na prática, grandes rupturas. Afinal, o que está em disputa é a hegemonia entre os trabalhadores ou a máquina sindical? Para que a ruptura com a CUT represente uma verdadeira disputa de hegemonia é necessário disputar a base. É necessário convencer os trabalhadores da necessidade da luta, ganhá-los para isso, e aí sim demonstrar que esse não é mais o interesse da CUT.

Por essas razões, acho justo romper com a CUT. É uma opção que os sindicatos no exercício de sua autonomia, têm todo o direito de fazer. Mas se for para ter só um programa de esquerda escrito num papel, acho que pouco adianta e ainda pode prejudicar. O problema do sindicalismo brasileiro não é o que está escrito num papel e guardado dentro de uma gaveta, mas a falta de organizações de base, a falta de projetos unitários de disputa de hegemonia, a burocratização. E sair da CUT não quer dizer que esses problemas serão resolvidos.

Para concluir, gostaria apenas de levantar mais uma reflexão. O velho Marx já dizia que com o desenvolvimento dos meios de comunicação (ele falava das ferrovias, do telex, etc...) existiriam uma tendência a um aceleração dos processos históricos. Se ele estava correto, e eu acho que estava, a tendência é que hoje algumas instituições, como centrais sindicais ou partidos políticos, nasçam e envelheçam mais rápido. Se compararmos o processo de envelhecimento de alguns partidos de esquerda europeus com o do PT, isso fica claro. Devemos lembrar também que nossa "fidelidade" deve ser à classe trabalhadora e não a alguns de seus instrumentos. De qualquer jeito esta é uma discussão que está começando, e muita água ainda passará em baixo desta ponte...

Entrevista cedida a **Rosângela Gil** e **Sérgio Domingues**, em abril de 2005.

<http://www.piratininga.org.br/artigos/2005/65/soninho-entrevista.html>

3) esse processo efetivou-se num momento em que a própria social-democracia sofria uma forte crise;

4) expandia-se fortemente o projeto econômico, social e político neoliberal. Tudo isso acabou por afetar fortemente o mundo do trabalho, em várias dimensões.

Como resposta do capital à sua crise estrutural, várias mutações vêm ocorrendo e que são fundamentais nesta viagem do século XX para o século XXI, caso se queira, como ensinou Marx, "apoderar-se da matéria, em seus pormenores, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e de perquirir a conexão íntima que há entre elas" (conforme a nossa epígrafe recolhida do posfácio à 2ª edição de *O capital*, de 1873). Uma delas, e que tem importância central, diz respeito às metamorfoses no processo de produção do capital e suas repercussões no processo de trabalho.

Particularmente nas últimas décadas, como respostas do capital à crise dos anos 70, intensificaram-se as transformações no próprio processo produtivo, através do avanço tecnológico, da constituição das formas de acumulação flexível e dos modelos alternativos ao binômio taylorismo/fordismo, no qual se destaca, para o capital, especialmente, o modelo "toyotista" ou o modelo japonês. Estas transformações, decorrentes, por um lado, da própria concorrência intercapitalista e, por outro, dada pela necessidade de controlar o movimento operário e a luta de classes, acabaram por afetar fortemente a classe trabalhadora e o seu movimento sindical.

Fundamentalmente, essa forma de produção flexibilizada busca a adesão de fundo, por parte dos trabalhadores, que devem abraçar, de "corpo e alma", o projeto do capital.

Procura-se uma forma daquilo que chamei, em *Adeus ao trabalho?*, de envolvimento manipulatório levado ao limite, no qual o capital busca o consentimento e a adesão dos trabalhadores, no interior das empresas, para viabilizar um projeto que é aquele desenhado e concebido segundo os fundamentos exclusivos do capital.

Quais são as conseqüências mais importantes destas transformações no processo de produção e como elas afetam o mundo do trabalho? Podemos, de modo indicativo, mencionar as mais importantes:

- 1) diminuição do operariado manual, fabril, concentrado, típico do fordismo e da fase de expansão daquilo que se chamou de regulação social-democrática;
- 2) aumento acentuado das inúmeras formas de subproletarização do trabalho parcial, temporário, sub-contratado, terceirizado, e que tem se intensificado em escala mundial, tanto nos países do Terceiro Mundo, como, também nos países centrais;
- 3) aumento expressivo do trabalho feminino no interior da classe trabalhadora, em escala mundial, aumento este que tem suprido principalmente o espaço do trabalho precarizado, subcontratado, terceirizado, *part-time* etc.;
- 4) enorme expansão dos assalariados médios, especialmente no "setor de serviços", que inicialmente aumentaram em ampla escala mas que vem presenciando também níveis de desemprego tecnológico;
- 5) exclusão dos trabalhadores jovens e dos trabalhadores "velhos" (em torno de 45 anos) do mercado de trabalho dos países centrais;

Um segundo elemento fundamental para o entendimento das causas do refluxo do movimento operário decorre do explosivo desmoronamento do Leste europeu (e da quase totalidade dos países que tentaram uma transição socialista, com a URSS à frente), propagando-se, no interior do mundo do trabalho, a falsa idéia do "fim do socialismo". Embora a longo prazo as conseqüências do fim do Leste europeu sejam eivadas de positivities (pois coloca-se a possibilidade da retomada, em bases inteiramente novas, de um projeto socialista de novo tipo, que recuse, entre outros pontos nefastos, a tese staliniana do "socialismo num só país" e recupere elementos centrais da formação de Marx), no plano mais imediato houve, em significativos contingentes da classe trabalhadora e do movimento operário, a aceitação e mesmo assimilação da nefasta e equivocada tese do "fim do socialismo" e, como dizem os apologetas da ordem, do fim do marxismo.⁴

E mais, ainda como conseqüência do fim do chamado "bloco socialista", os países capitalistas centrais vêm rebaixando brutalmente os direitos e as conquistas sociais dos trabalhadores, dada a "inexistência", segundo o capital, do "perigo socialista" hoje. Portanto, o desmoronamento da URSS e do Leste europeu, ao final dos anos 80, teve enorme impacto no movimento operário. Bastaria somente lembrar a crise que se abateu nos partidos comunistas tradicionais, e no sindicalismo a eles vinculado.

Paralelamente ao desmoronamento da esquerda tradicional da era stalinista — e aqui entramos em outro ponto central —, deu-se um agudo processo político e ideológico de social-democratização da esquerda, e a sua conseqüente atuação subordinada à ordem do capital. Esta acomodação social-democrática atingiu fortemente a esquerda sindical e partidária, repercutindo, conseqüentemente, no interior da classe trabalhadora. Essa acomodação social-democrática atingiu também fortemente o sindicalismo de esquerda, que passou a recorrer, cada vez mais freqüentemente, à institucionalidade e a burocratização que também caracterizam a social-democracia sindical.

É preciso acrescentar ainda que, com a enorme expansão do neoliberalismo a partir de fins dos anos 70, e a conseqüente crise do *Welfare State*, deu-se um processo de regressão da própria social-democracia, que passou a atuar de maneira muito próxima da agenda neoliberal. O projeto neoliberal passou a ditar o ideário e o programa a serem implementados pelos países capitalistas, inicialmente no centro e logo depois nos países subordinados, contemplando reestruturação produtiva, privatização acelerada, enxugamento do estado, políticas fiscais e monetárias sintonizadas com os organismos mundiais de hegemonia do capital como FMI e BIRD, desmontagem dos direitos sociais dos trabalhadores, combate cerrado ao sindicalismo classista, propagação de um subjetivismo e de um individualismo exacerbados da qual a cultura "pós-moderna" é expressão, animosidade direta contra qualquer proposta socialista contrária aos valores e interesses do capital etc.

Vê-se que se trata de uma processualidade complexa que, repetimos, aqui somente podemos indicar e que podemos assim resumir:

- 1) há uma crise estrutural do capital ou um efeito depressivo profundo que acentuam seus traços destrutivos;
- 2) deu-se o fim do Leste europeu, onde parcelas importantes da esquerda se social-democratizaram;

TEXTO 3 COMO NASCEM OS SÍMBOLOS

Marcelo Machado*

Os primeiros raios de sol passam por entre uma fenda na barraca tocando o rosto de Pedro e, aos poucos, ele desperta. Esfrega os olhos com as mãos ainda sujas de terra, pois havia passado uma boa parte da madrugada construindo aquela barraca de lona preta. Ainda deitado olha para o lado procurando as suas meninas que dormem juntas debaixo do único cobertor que possui. Devagar põe o braço em volta das três pequenas tentando extrair o máximo de proveito daquele momento enquanto pensa na falta que faz a mãe delas.

Os braços fortes de Pedro carregaram a mãe das meninas de hospital em hospital até seu último momento de vida. Jéssica morreu nos braços de Pedro enquanto ele tentava pegar mais um táxi com os poucos recursos que tinha. A mãe das meninas foi vítima de uma doença pulmonar causada por anos de trabalho em contato com agentes químicos A fábrica onde Jéssica trabalhava não garantia o equipamento necessário para cumprir as intermináveis dez horas de trabalho em contato com substancias tóxicas.

Observando as três, imagina que cada uma será a cópia fiel da mãe que, quando ainda estava saudável, exibiu um sorriso que contagiava a todos e um corpo que, a cor morena da pele, aguçava os sentimentos dos homens.

Tirando delicadamente o braço de cima das pequenas filhas e ainda deitado, pega a mochila debaixo da cabeça enquanto senta sobre o pedaço de lona preta em que dormia. Seus objetos estão amontoados dentro da mochila e sem muita paciência ele tenta encontrar a identidade. Coloca ela no bolso e, deixando a mochila de lado, passa a procurar o seu facão de mato. Não é um facão qualquer, é um facão de cabo de madeira decorado com fios de cobre trançados e lâmina fabricada com um excelente aço.

Ele pega o facão que está dentro de uma bainha de couro legítimo e se lembra da madrugada. Os dois quilômetros que havia andado não foram sentidos no momento da marcha que percorreu vales, montes, estradas e vielas. Ele lembra de ter olhado para trás e não ter enxergado o final das duas colunas paralelas. Eram quase quinhentas famílias marchando. O facão que carregava, desembainhado, com a mão esquerda era erguido todas as vezes que havia um grito de guerra. Tochas carregadas por alguns companheiros ao longo da marcha ajudavam a iluminar o caminho.

Enquanto lembra das chamas que saíam das tochas, Pedro aperta o cabo do facão com força fazendo com que ele sinta dor em uma das dobras do dedo indicador. Ele foi o encarregado de abrir o portão da fábrica e após ter quebrado a corrente com cadeado num golpe da pesada sexta-feira que carregou toda a marcha em seu ombro direito e, ao empurrar o pesado portão junto com outros companheiros, acabou se cortando em um pedaço de metal solto no portão. "Nada que a luta não cicatrize."

Ainda sentado começa a calçar seu par de coturnos. Lembrança de seu período de serviço militar obrigatório. Trabalhava como mecânico na garagem no quartel. Era um excelente mecânico. Até os oficiais traziam seus carros particulares para que ele consertasse. Era uma espécie de cirurgião da garagem do quartel. O coturno também o acompanhou em outros momentos de sua vida. Quando veio a sua baixa por tempo de serviço

era o coturno que calçava os pés dele no chão da montadora de automóveis onde ficou por um período de seis meses até a empresa ser transferida para outro estado. “Companheirada da Equipe da Escola”! Esse grito vindo de fora da barraca é para ele que integra a equipe de infra-estrutura que construirá a escola da ocupação. Várias outras equipes foram organizadas: saúde, disciplina, cozinha...

“Oh pessoal da infra... cadê a equipe da escola”? Mais uma vez aquele grito do lado de fora da barraca. Era muito familiar para Pedro a voz que gritava. Á cerca de quatro meses, foi aquela voz que ouviu no portão da casa de aluguel onde morava. Era Francisco, um companheiro trazido por um conhecido de Pedro Francisco conversou a respeito de uma assembléia que seria feita com trabalhadores desempregados da região. Haviam sido marcadas várias assembléias. Era uma experiência diferente para ele aqueles momentos nas assembléias. Era novo. Som de violão, músicas, poemas, gente falando de solidariedade, igualdade e luta. Falavam também na idéia de ocupar aquela fábrica que já onde Pedro, por várias vezes, já havia pedido emprego.

Só aqueles consertos de automóvel de vez em quando não estavam solucionando o problema. A sua mais velha já estava na quarta série e os livros eram caros. Pedro já não mais pedia emprego na fábrica, que fechou as portas depois da última demissão em massa que a fábrica promoveu a um ano. Ele lembra que a algum tempo atrás ela chegou a ter quase mil funcionários, que produziam peças de automóvel até para o Japão. Ultimamente pouco mais de duzentos funcionários figuravam sua folha de pagamento.

Já de pé dentro da barraca ele coloca a bacia do facão em seu cinto ao lado esquerdo do corpo, bebe um pouco de água em um copo de guaraná natural. Ainda cansado, pois só conseguira cochilar por uma hora e meia, pousa a pesada sexta-feira em seu ombro direito.

Tentando não fazer barulho, Pedro abre lentamente à porta da barraca com a mão esquerda e, antes de sair, dá mais uma olhada nas meninas que dormem encolhidas entre si. “Como se parecem com a Jéssica”. Colocando o corpo para fora da barraca ao mesmo tempo em que sente o calor do sol da manhã, olha ao redor do acampamento. Várias barracas já estão montadas. Algumas poucas famílias ainda estão montando as suas. Tem barraca montada encima da marcação de pouso do helicóptero do dono da fábrica. Dizem que ele tem mais três em outros estados.

Pedro passa a cabeça por cima do seu ombro esquerdo para olhar a fábrica que está atrás. Da onde está pode observar que alguns dos companheiros já estão dentro da fábrica, na maioria ex-funcionários. Alguns são amigos de infância, outros ele só via de passagem na comunidade.

O azul do céu toca o verde claro das árvores que circundam o terreno da fábrica. “Ô, Pedro...! Vambora homi!” Era Francisco mais uma vez gritando. “A companheirada ta esperando perto da cozinha.” Só agora se deu conta do cheiro de café quente e do aipim cozido. De onde estava podia ver a fumaça da lenha queimando. As pessoas vão sendo atraídas pelo cheiro do café da manhã. A sirene da fábrica apita depois de quase um ano em silêncio. Ele e seus amigos de infância cresceram ouvindo o grito daquela sirene todos os dias, sempre nos mesmos horários. A fábrica voltou a funcionar, agora comandada

pelos próprios trabalhadores. Pedro irá construir a escola do acampamento. Na parte da tarde ele irá compor a outra equipe que manterá a fabrica funcionando.

Uma lágrima escorre do rosto ao olhar um mastro ao seu lado. Contrastando com o azul do céu e o verde claro das árvores, tremula, no topo do mastro improvisado, uma bandeira feita de lona preta das barracas. Nela em tinta branca estão escritas as iniciais MTD.

Alguém dedilha uma viola. Suas meninas dormirão mais um pouco, e Pedro começa a caminhar em direção a cozinha do acampamento. Enxugou a lágrima com as costas da mão deixando o sol esquentar a sua pele enquanto caminha.

*Marcelo Machado é militante do MTD-RJ

<http://mtdrio.wordpress.com/2008/08/05/como-nascem-os-simbolos/>

TEXTO 4

AS DIMENSÕES DA CRISE NO MUNDO DO TRABALHO

*Ricardo Antunes

Nos últimos anos, particularmente depois da década de 1970, o mundo do trabalho vivenciou uma situação fortemente crítica, talvez a maior desde o nascimento da classe trabalhadora e do próprio movimento operário inglês. O entendimento dos elementos constitutivos desta crise é de grande complexidade, uma vez que, neste mesmo período, ocorrem mutações intensas, de ordens diferenciadas, e que, no seu conjunto, acabaram por acarretar conseqüências muito fortes no interior do movimento operário, e, em particular, no âmbito do movimento sindical. O entendimento deste quadro, portanto, supõe uma análise da totalidade dos elementos constitutivos deste cenário, empreendimento ao mesmo tempo difícil e imprescindível, que não pode ser tratado de maneira ligeira.¹

Neste artigo, vamos somente indicar alguns elementos que são centrais em nosso entendimento, para uma apreensão mais totalizante da crise que se abateu no interior do movimento operário.² Seu desenvolvimento seria aqui impossível, dada a amplitude e complexidade de questões. A sua indicação, entretanto, é fundamental por que afetou tanto a materialidade da classe trabalhadora, a sua forma de ser, quanto a sua esfera mais propriamente subjetiva, política, ideológica, dos valores e do ideário que pautam suas ações práticas concretas.

Começamos dizendo que neste período vivenciamos um quadro de crise estrutural do capital, que se abateu no conjunto das economias capitalistas, especialmente a partir do início dos anos 70. Sua intensidade é tão profunda que levou o capital a desenvolver “práticas materiais da destrutiva auto-reprodução ampliada ao ponto em que fazem surgir o espectro da destruição global, em lugar de aceitar as requeridas restrições positivas no interior da produção para satisfação das necessidades humanas”.³ Esta crise fez com que, entre tantas outras conseqüências, o capital implementasse um vastíssimo processo de reestruturação, com vistas à recuperação do ciclo de reprodução do capital e que, como veremos, afetou fortemente o mundo do trabalho. Retomaremos adiante este ponto.